

PRÓLOGO

Jett

A Mayfield Realties estava situada no sexagésimo piso da Trump Tower, no florescente bairro empresarial da cidade de Nova Iorque. Um pouco depois das oito da manhã, Jett Mayfield estava sentado no seu gabinete, sobranceiro à rua atarefada abaixo de si. As pessoas e os táxis amarelos pareciam-se com formigas, em constante movimento: sempre apressados, sempre tensos. Tal como a cidade, também Jett se sentira outrora cheio de vida — ou a sua anterior interpretação de vida: viver arduamente, e trabalhar ainda mais arduamente. Até *a* ter conhecido. Havia qualquer coisa a respeito de Brooke Stewart, que alterara algo no seu interior. Não eram os seus belos olhos castanhos, nem a maneira como se movia — confiante e, no entanto, reservada. Ela atingira-o a um nível mais profundo, tocando em algo que ele pensara ser intocável. Contudo, a sua intenção inicial fora diferente. O seu plano fora fazer com que ela se apaixonasse por ele, não por meio de palavras, mas através de ações e sexo — muito do último —, porque desejava algo que ela possuía. Não para si, mas para o homem e para a agência a quem devia tudo. Mas os acontecimentos tinham dado algumas reviravoltas, que ele não esperara.

Quando o plano corra mal, ela desaparecera.

Uma sombra, que pertencia ao passado: desaparecida, mas não esquecida.

Durante a última hora, estivera a olhar para o telemóvel; sentia uma mistura confusa de emoções, fúria e frustração. E uma dor mais intensa, que o deixava ainda mais furioso.

Que estupidez da sua parte ter partido, sem sequer o ouvir.

Que estupidez da sua parte ter desligado o telemóvel, para que ele não a conseguisse contactar. E por mais vezes que lhe ligasse e por mais mensagens que lhe enviasse, Jett sabia instintivamente que ela não recebera nenhuma, porque se as tivesse recebido teria sentido a sua agonia. Teria sentido o quão importante era *ouvir* o que ele tinha para dizer. Não era acerca dos sentimentos dele. Que os seus sentimentos se lixassem. Havia outra coisa que lhe queria dizer; uma coisa que lhe tirava o sono durante a noite, sempre preocupado com ela, com eles, com tudo aquilo em que acreditava. E se as suas suspeitas fossem verdadeiras, então eles precisavam um do outro tanto quanto precisavam de ar para respirar.

— Senhor Mayfield... Jett? — A cabeça de Emma surgiu na soleira da porta, arrancando-o dos seus pensamentos.

Ele recompensou-a com um franzir da testa. Não era uma característica sua ser tão antipático, mas a rapariga era uma rececionista promovida a sua assistente pessoal, até ele encontrar alguém mais adequado. Devido a isso, ainda não estava habituada às suas preferências, que incluíam não o incomodar quando ele não queria ser incomodado.

De olhos arregalados como um veado apanhado pela luz de faróis, ela não fez questão de ir diretamente ao assunto e voltar a sair, deixando-o com a escuridão que lhe assombrava os pensamentos e a invulgar amargura no seu peito. Jett suspirou, impaciente.

— O que é que se passa?

Emma pareceu recordar-se de como voltar a falar, mas os seus olhos arregalados continuaram a refletir a sua insegurança. Jett gostava dos seus empregados assim. Mesmo que pensassem que ele era um verdadeiro filho da mãe, trabalhavam mais arduamente para lhe agradar.

— Está aqui alguém para o ver. Disse-lhe que o senhor está ocupado e para marcar uma reunião, mas ele não se vai embora. Está aqui há meia hora.

As palavras de Emma abateram-se sobre ele como uma cascata. A única coisa que percebeu foi algo a respeito de um tipo qualquer que estava ali para o ver, quando ele estava perturbado.

— Diz-lhe que não estou disponível.

— Ele disse que é importante.

Todos o diziam.

— Então, diz-lhe que me vieste avisar, e que eu te disse *especificamente* que não estou disponível.

Os olhos de Emma abriram-se ainda mais, como se isso fosse possível. O seu olhar frenético e aterrorizado passou por cima dele. Era óbvio que ela queria manter o seu emprego, mas o visitante parecia assustá-la ainda mais do que a possibilidade de desagradar a Jett. Ele tinha duas opções: mandar a rapariga embora e arriscar-se a que ela voltasse, interrompendo a sua obsessão com Brooke; ou falar com o homem. Por fim, decidiu que a segunda opção era um pouco mais apelativa.

— Manda-o entrar.

A expressão de Emma descontraiu-se de imediato, e ela quase saltou para fora do gabinete. Carrancudo, Jett voltou a sentar-se na cadeira, e começou a massajar as têmporas para se livrar de um latejar crescente. Se soubesse onde é que Brooke se encontrava não teria de lidar com aquelas tretas, e tudo e todos podiam limitar-se a ir para o inferno. Mas da maneira que as coisas estavam, tinha de manter uma fachada de normalidade antes de as coisas saírem completamente dos eixos.

— Jett, meu amigo.

A voz familiar que vinha da porta fez com que Jett regressasse imediatamente à realidade. A sua atenção disparou na direção do seu amigo de longa data, e alguma da pressão que o sobrecarregava dissipou-se. Como habitual, Kenny conseguira esquivar-se a qualquer código de vestuário, e parecia estar prestes a entrar num bar — ou cadeira — e não no gabinete do melhor agente imobiliário do ano. Calças rasgadas, *T-shirt* preta de mangas muito curtas, braços tatuados e sobrançelha com *piercing*. Na verdade, e durante muitos anos, aquele também fora o estilo de Jett (menos o *piercing*), antes de ter trocado o estilo de vida

selvagem de Kenny pelo negócio do pai. Ainda tinha as tatuagens e as cicatrizes quase desvanecidas para o provar.

Jett fechou a porta, registando por instantes os olhares curiosos dos seus empregados que olhavam para ele e para Kenny. Estavam provavelmente a perguntar-se o que é que um homem como Kenny estava a fazer numa das agências imobiliárias mais bem-sucedidas do país, a encontrar-se com o seu diretor executivo. Os seus empregados não conheciam o verdadeiro Jett. Ninguém conhecia. Se conhecessem, teriam fugido. Mas não Brooke. Ela sentira o seu lado negro e, apesar disso, apaixonara-se por ele.

— Disseste que querias falar, e que era urgente — começou Kenny, assim que Jett fechou os estores, ocultando-os de olhares curiosos.

— Nunca te disse que era aqui.

Kenny encolheu os ombros e refastelou-se na cadeira de Jett, pondo as pernas em cima da secretária de carvalho polido, ignorando habilmente os sofás de cabedal castanho junto da porta, escolhidos para uma ocasião daquelas. Os olhos de Jett semicerraram-se, mas não fez nenhum comentário.

— Presumi que precisavas de mim, e que sabias o que estavas a fazer — disse Kenny. — Devias ter especificado um lugar. A culpa não é minha se não estás a ser cauteloso, meu.

Que se lixasse. Claro que ele tinha razão, mas saber isso não evitava que Jett se sentisse irritado. Para esconder a sua irritação, serviu dois copos duplos de uísque de malte da licoreira que se encontrava em cima da mesa de apoio, e empurrou um dos copos na direção de Kenny.

— A manhã mal nasceu — observou Kenny, os dedos a agarrarem o copo com uma estranha ansiedade.

— Quem é que se rala com isso?

— Quanto a isso, tens razão.

O uísque sabia a mel. Talvez demasiado doce, com um travo a fumo e terra. Ele detestava-o, mas era a bebida que pegava melhor com os seus clientes, e devido a isso tinha sempre uma garrafa disponível no seu gabinete. Nos cinco anos em que trabalhava para a Mayfield Realities, nunca lhe tocara — até àquele dia.

— Preciso que me encontres alguém, porque o meu detetive particular está a fazer um trabalho de merda, e tu és a única pessoa em quem confio — disse Jett, mal reparando no copo meio cheio do amigo.

Kenny nem pestanejou.

— É muito urgente?

— Mesmo muito.

— Um bom engate, e não consegues encontrar o número?
— Kenny sorriu.

Nem sabia o quão perto estava da verdade.

— Qualquer coisa desse género — observou secamente Jett, enquanto tirava um envelope castanho do armário e o atirava a Kenny. — Está aqui tudo que precisas de saber a respeito dela. E está aqui outra coisa que tens de me arranjar.

As sobranceiras de Kenny ergueram-se, enquanto vasculhava o envelope e lia os pormenores a respeito de Brooke. O seu olhar permaneceu colado ao rosto sonolento de Brooke, com o cabelo ondulado espalhado sobre a almofada como se fosse uma auréola. A fotografia fora tirada por Jett, com o telemóvel, no seu luxuoso apartamento de Manhattan no último dia que tinham passado juntos. Jett estava sentado na cadeira em frente da cama de colunas, dividido entre revelar-lhe o seu segredo, porque ela lhe confidenciara o seu alguns dias antes, contando-lhe o seu passado doloroso e o motivo por que não queria ter um relacionamento. Sentia que lhe devia dizer a verdade, mas no fim decidira não estragar o momento. Fora um erro enorme, porque passado pouco tempo tinham discutido e ela partira.

Desaparecera sem deixar rasto. E ele não tivera a oportunidade de lhe explicar o que se passava.

— Ei, ainda estás comigo? — perguntou Kenny, observando-o, avaliando-o. — Porque é que ela partiu?

— Não sei. Pergunta-me outra coisa qualquer! — Jett esboçou um esgar, e voltou a encher os copos.

Engoliu o líquido dourado de uma só golada enquanto Kenny olhava para a sua bebida, daquela vez deixando-a intacta. O uísque queimou-lhe a garganta, e provavelmente deu-lhe cabo do

cérebro. A beleza do esquecimento. Se não a conseguisse encontrar, então era esse o estado que almejava.

Kenny limitou-se a abanar a cabeça e apontou para o envelope agora fechado, o seu olhar desprovido de qualquer emoção.

— É bonita.

Sempre fora bom a não dizer o que pensava. Era por esse motivo que não se metia em sarilhos — ao contrário de Jett.

— Já.

— Quando é que a viste pela última vez?

— Há vinte e quatro horas.

A careta fingida de Kenny mal escondeu o início de um sorriso sarcástico.

— Isso é mesmo muito tempo.

Jett sabia a que é que soava. Desesperado. Mas não interessava.

— Estou a falar a sério. — O seu tom de voz era frio. Até ameaçador. Não gostava que as pessoas gozassem com ele. — Tenho de a encontrar. Tens algum problema com isso?

— Céus. O que é que te aconteceu, meu?

— Estou completamente lixado. Dei cabo de tudo. Não te teria chamado, se não fosse importante.

Kenny recostou-se. Não parecia minimamente incomodado com a explosão de Jett — tinham permanecido amigos, passando por merdas muito mais difíceis do que aquela.

— Tens alguma ideia onde ela possa estar? Amigos? Família? Um ex, ou um namorado secreto? — perguntou Kenny.

Se tivesse, não estaria aqui a desperdiçar o meu tempo contigo, pois não?

— Eu *era* o namorado secreto. — A mão de Jett ergueu-se abruptamente para o seu cabelo escuro, enquanto tentava acalmar a voz zangada no seu interior. Não valia a pena virar-se contra as pessoas à sua volta. Elas não tinham culpa.

— Tentei ligar para a mãe dela, que não me pareceu particularmente preocupada, e que me disse que não fazia a menor ideia onde é que ela estava — disse Jett. — A sua companheira de casa desapareceu com ela, por isso só posso presumir que estão ambas a fazer uma viagem por estrada. O detetive e a sua equipa ligaram para todos os hotéis, do estado de Nova Iorque. — Jett franziu a

testa ao lembrar-se daquilo. Não era um profissional, mas até ele sabia que nenhuma mulher e a sua melhor amiga saíam do conforto do apartamento e iriam para um hotel, sem um bom motivo. Que desperdício de horas preciosas. — Só posso presumir que esteja com a família da amiga.

— O teu tipo verificou as empresas de cartões de crédito?

Jett assentiu.

— A última vez que ela utilizou o cartão foi numa mercearia em frente do prédio onde vive.

— O que é que me podes contar acerca da sua amiga?

Jett abanou sombriamente a cabeça, indicando que aquele era um beco sem saída.

— Não sei nada a seu respeito. Apenas que também tem o telemóvel desligado.

Kenny assentiu e, por um momento, fez-se silêncio. O coração de Jett começou a bater a um milhão de quilómetros por hora, embora não soubesse se era devido à quantidade de álcool que lhe atravessava o sangue, ou devido à gravidade da situação.

— Talvez tenha abandonado o país. — sugeriu Kenny, quebrando o silêncio.

Ele também pensara naquilo, e pusera rapidamente aquela hipótese de lado.

— Como é que ela podia ter pago uma viagem, sem o cartão de crédito? Preciso que vás mais fundo que isso. — Baixou os olhos para Kenny que se manteve em silêncio, o seu desagrado claramente visível na linha franzida da testa.

— Estou fora do ramo, Jett. Tu sabes isso.

— Não to pediria se não fosse importante — sussurrou Jett.

— És o meu melhor amigo, e eu faria qualquer coisa por ti, meu. Mas, da última vez, mal consegui sobreviver. Jurei que me ia manter longe de sarilhos.

A hesitação de Kenny refletiu-se nos seus olhos escuros, e durante um instante Jett teve a certeza de que o amigo o ia deixar pendurado. Depois, os seus olhos encontraram-se com os de Jett, e este percebeu que tinha vencido.

— Gostas dela, não gostas? — perguntou Kenny.

— Mais do que quero admitir. — Era a verdade.

— Então, eu faço-o. Promete-me apenas que me apoias, se as pessoas erradas aparecerem a bater-me à porta.

Jett sorriu, e pela primeira vez desde a discussão com Brooke quase se sentiu entusiasmado. Esperançoso. Porque Kenny sabia bem o que fazia. Por algum motivo, era um dos *hackers* mais temidos.

— Obrigada, meu. Aprecio isso — disse Jett.

— Ligo-te assim que tiver uma pista.

Kenny levantou-se, e Jett acompanhou-o até à porta.

Às onze e quarenta e cinco, o visor do telemóvel iluminou-se com a identificação de chamadas de um número desconhecido. Jett estivera enfiado numa reunião durante as últimas duas horas, mal prestando atenção às divagações intermináveis do pai a respeito de algumas novas aquisições, e dos lucros subsequentes que a agência iria fazer.

Jett desculpou-se e saiu disparado da sala, pressionando o telemóvel contra o ouvido, mas manteve-se calado até chegar à casa de banho dos homens. Um ténue odor a rosas enchia o ar, e Jett espreitou para dentro de cada um dos cubículos, certificando-se de que estavam vazios.

— Ela embarcou num avião para a Europa — disse Kenny, à laia de saudação.

Teria o valor no cartão de crédito escapado ao detetive privado?

— Espera até ouvires a próxima parte — crocitou Kenny. — Tens a certeza de que eras o *único* namorado secreto? Porque parece que outra pessoa pagou os bilhetes.

A Brooke não era assim. E, no entanto, será que ele a conhecia mesmo?

— Quem? — A voz de Jett era uma camada de gelo.

— Jake Clarkson. Um advogado londrino. Dono de um escritório de advogados, de grande sucesso. Solteiro.

Por que raio é que ele precisava de saber aquela última parte? Será que era suposto sentir-se melhor por saber que Brooke se encontrava com um tipo *solteiro*? Quando é que eles se tinham

conhecido, e porque é que ela confiara nele o suficiente para deixar que um desconhecido a levasse de férias? Poderia ser um ex?

— Jett? — O tom de voz de Kenny estava tenso por algum motivo. Certamente que não era preocupação. Mais parecido com humor.

— Dá-me um segundo.

A pressão atrás dos seus olhos intensificou-se ao pensar em Brooke nos braços de outro homem, possuindo aquilo que devia pertencer a *Jett*. Humedeceu a mão por baixo da torneira de água fria, e passou-a sobre o pescoço febril. A humidade fria forneceu-lhe ajuda suficiente para o fazer pensar com clareza, por entre a sua neblina cerebral. E foi nesse momento que juntou dois mais dois. Um advogado. Pagou os bilhetes. Europa.

— Exatamente onde, na Europa?

— Deixa-me ver. — O som de papéis a serem revirados atravessou a linha por um instante, antes de Kenny dizer: — Um lugar chamado Bellagio. Do qual nunca ouvi falar.

Ele encontrara-a em...

Bellagio, Itália.

Merda!

Aquilo não era bom. Numa escala de um a dez, aquilo era um cem. Um desastre.

— Quando?

— Ontem à noite — disse o Kenny. — Aterrou hoje, de manhã cedo.

O coração de Jett começou a martelar-lhe no peito, com mais força. Se saltasse agora para um avião, estaria em Itália dentro de oito horas. O verdadeiro trabalho iria começar agora, mas não estava preocupado com isso. Nunca sentira medo de dar o seu melhor — fosse no emprego, ou com uma mulher. Aquilo que o preocupava era poder chegar demasiado tarde. Tinha de entrar em contacto com ela, e rapidamente.

— Queres que descubra alguma coisa, a respeito do advogado? — perguntou Kenny.

— Quero outra coisa.

Jett interrompeu-se, enquanto olhava em volta para se certificar de que ninguém o estava a ouvir. A casa de banho ainda estava

vazia, mas apesar disso baixou a voz para se assegurar que ninguém o podia escutar.

— Encontra-me um vendedor de armas, em Bellagio.

Uma pausa, e depois:

— Não a vais matar, pois não? Ou ao advogado? — Conseguia sentir a dúvida de Kenny.

Mas, que raio?

Jett fizera muitas coisas estúpidas na vida, mas nem de longe estivera alguma vez inclinado a fazer mal a uma mulher. Respirou fundo para estabilizar as vagas de fúria, que o atravessavam com rapidez.

— Encontra-me só o tipo certo, Kenny.

— Eu só...

— Não — cortou Jett. Não tinha tempo para perguntas. Estava a fazer-se tarde, e tinha de preparar o avião particular da agência. — Faz apenas o que te pedi.

Quando regressou à sala, a reunião do pai ainda estava a decorrer. Não tinha grande vontade em desperdiçar mais tempo, mas como diretor executivo não podia abandonar a reunião sem aviso — ou sem que reparassem nisso. Não faria bem à sua reputação. Quando voltou a deslizar para a sua cadeira, o olhar de Robert Mayfield caiu sobre ele e as suas sobrancelhas ergueram-se. O velho não gostava da ideia de que pudesse haver outras coisas mais importantes. Jett escreveu: «Reunião de negócios na Europa — Crítica», num dos blocos com o logótipo da agência, e empurrou-o através da mesa na direção do pai. Fazendo sinal a Emma para se aproximar, deu-lhe instruções para que ela reunisse as suas coisas, que ligasse ao piloto da agência, e cancelasse todas as marcações da semana. Conduziu até casa para mudar de roupa e ir buscar o passaporte, depois dali dirigiu-se diretamente ao aeroporto, onde o avião privado da agência o levaria até ao lugar onde ele estivera há pouco tempo. Com ela.

CAPÍTULO UM

Brooke

O amor acontece num piscar de olhos. Num momento o coração é nosso, no momento seguinte pertence a alguém a quem nunca tivemos a intenção de o entregar. Não há transição. Não há qualquer lucro da sua parte. Apenas uma confiança tola, e a esperança num futuro de felicidade e realização emocional. Por mais que todos desejemos um final feliz, não é assim que a vida funciona.

O amor é uma cadela. Aprendi essa lição da maneira mais difícil sob a forma de um par de olhos verdes, sensuais como o pecado, com um deus do sexo de um metro e oitenta e oito.

Jett Mayfield.

A minha primeira e única incursão no amor, e o segundo maior erro da minha vida.

Sorri afetadamente, enquanto ajustava os óculos escuros de modo que a minha melhor amiga, Sylvie, não percebesse os sinais denunciadores de lágrimas nos meus olhos. Só Deus sabia que eu já derramara as suficientes por causa do Jett. Podia pensar-se que agora já não tinha nenhuma. Sim, certo! Aparentemente ainda me restavam algumas, quer o quisesse quer não. Para além de ter percebido que o amor pode aumentar na ausência da pessoa amada, o mesmo se passa com a dor resultante de um coração partido.

Na verdade até tinha uma certa piada, porque eu nem sequer percebia porque é que o começara a amar. Seria a sua boa aparência?

Ou a maneira como me fazia sentir? O sexo? Era mais que certo que ele não o merecia.

Ainda mal eram dez da manhã mas o Sol já se erguia alto no horizonte, banhando o edifício do aeroporto de Malpensa numa auréola. Era fácil de prever que ia ser um dia quente, nada de surpreendente já que estávamos num dos locais de férias mais belos e caros de Itália.

— Deixa-me ajudar-te — disse a Sylvie determinada, tirando-me a mala de viagem das mãos, antes de eu poder dizer alguma coisa.

Observei-a em silêncio enquanto ela a içava para o porta-bagagens do táxi, ignorando as tentativas desajeitadas do motorista para a ajudar. Durante os últimos dois dias, desde que as coisas com o Jett tinham reventado, que ela se mostrara protetora e afetuosa. Tropeçava sobre os próprios pés, para me ajudar a «sobreviver» à tempestade furiosa do meu coração. Nas últimas quarenta e oito horas, servira-me e massajara-me, escovara-me o cabelo, fizera-me as malas e maquilhara-me. Bati o pé, quando me quis pegar ao colo e dar-me de comer. A Sylvie sempre fora uma boa amiga, mas tratar de alguém era algo que não lhe era natural. Não sabia se devia fugir dela, ou abraçá-la.

— Ei, Brooke? — A Sylvie deu-me uma palmadinha no ombro, para me chamar a atenção.

Virei-me para ela, percebendo que me tinha distraído. Outra vez. O meu cérebro desligava-se momentaneamente, como um computador em suspensão, e precisava que lhe batessem para voltar a funcionar. Isso não era natural para alguém de vinte e três anos. Eu sabia-o. Ela sabia-o. Provavelmente todo o mundo o sabia. Desejei poder acabar com aquilo. Ter a minha vida de volta, quando eu era apenas a «Brooke» — uma licenciada mal paga e sobrecarregada de trabalho, suficientemente ingénua para se agarrar aos seus sonhos.

Esquece.

Se apenas pudesse.

— Entra — disse a Sylvie, mantendo a porta do táxi aberta para eu entrar.

Assenti agradecida, e deixei-me cair no assento traseiro. A Sylvie juntou-se a mim e agarrou-me a mão, dando-lhe um apertão firme,

enquanto o seu sorriso dizia tudo que havia para dizer. A minha melhor amiga estava ali para me apoiar. Tomaria conta de mim até o meu coração se curar, e os pedaços do meu mundo voltarem a ficar colados.

— És espantosa. Sabes isso? — sussurrei à Sylvie.

— É para isso que servem os amigos.

Ela humedeceu os lábios e a sua expressão entristeceu, como se quisesse dizer mais qualquer coisa mas tivesse decidido não o fazer. Perscrutei o seu rosto sem falhas, e o cabelo loiro comprido. A sua beleza exterior e gentil não revelava a carapaça dura, que lhe revestia o coração. Tal como eu, fora vergada e quebrada por homens mas, ao contrário de mim, a Sylvie nunca desistira do amor. Continuava a saltar para a relação seguinte, apenas para o seu coração se voltar a partir. Nesse aspeto, éramos diferentes. Eu certamente que não cometeria duas vezes o mesmo erro.

— O Clarkson disse quando é que te vais encontrar com o velho? — perguntou a Sylvie, mudando de assunto.

Abanei a cabeça, ao lembrar-me do advogado inglês que conhecera em Nova Iorque.

— Ele disse que me ligava, assim que aterrássemos.

Distraída, comecei a brincar com o fecho metálico da minha mala — um presente de aniversário da Sylvie —, e passei os dedos sobre o cabedal artificial e macio. Na altura sentira-me relutante em aceitá-la, porque fora demasiado cara e eu não estava habituada a luxos. Só de pensar que acabara de herdar uma propriedade, que valia vários milhões de dólares de um parente que nem sequer sabia que tinha, era algo que me dava completamente cabo da cabeça. Pensar que o Jett me tentara enganar, fazendo-me vender a propriedade, para que ele pudesse construir uma urbanização de luxo nas margens do lago para os ricos e famosos, ainda me dava mais cabo da cabeça — e não de uma boa maneira. Sorri afetadamente, e recostei-me no assento macio de cabedal.

— Qual é o plano? — perguntou a Sylvie.

— Primeiro ele vai-me mostrar a propriedade, depois passamos à fase seguinte.

Ela assentiu, lentamente.

— Que é ver a contabilidade da propriedade, para te certificares de que o velho não te vai passar nenhuma dívidas.

— Eu sei isso.

— Era só para te recordar, Brooke, para o caso de te *esqueceres*.

Lancei-lhe um olhar zangado, e ela retribuiu com um sorriso irónico. Eu nunca me esquecia de nada, e a Sylvie sabia-o. Aquela era a sua maneira de me dizer que, ali, eu estava a jogar numa liga completamente diferente. No fundo, muito acima das minhas possibilidades, enquanto ela era aquela que sabia tudo cerca da alta sociedade e estava determinada a ter o papel de mentora.

Não que eu alguma vez lhe tivesse pedido orientação. Ou que precisasse de uma mentora. Mas deixei que ela fizesse e dissesse o que queria, porque de vez em quando os conselhos da Sylvie atingiam o alvo. Eu não tinha a mínima ideia do que fazer com uma mansão e milhares de hectares de terra, com um escritório inteiro de advogados no número memorizado do telefone, e o diretor de um banco querendo encontrar-se pessoalmente comigo para iniciarmos a nossa «relação comercial». Os próximos dias iriam ser difíceis, e sentia-me grata por ter alguém como a Sylvie ao meu lado.

— Vai correr tudo bem, *chica* — disse a Sylvie, interpretando mal o meu silêncio. — Não duvido de ti, nem por um segundo.

Sorri. Era mais fácil deixá-la pensar que eu estava nervosa, por causa da minha primeira reunião com o Alessandro Lucazzone. Não lhe podia dizer que o meu coração esvoaçava como uma borboleta delicada, atirando-se contra a sua prisão, porque a viagem de carro de uma hora até ao lago Como causava-me uma dor maior do que aquilo que eu queria admitir. Agora os meus demónios tinham saído oficialmente da gaiola, e eu tinha de os enfrentar.

— Ele acabará por aparecer. Sabes isso, não sabes? — sussurrei.

— Sei — replicou a Sylvie. — Mas não interessa. Não tens de falar com ele, se não o quiseres fazer. Nunca mais tens de o voltar a ver. Ele faz parte do teu passado, e é assim que as coisas se vão manter.

Respirando fundo, encostei a cabeça à janela e olhei para a espantosa paisagem de água azul cintilante e cumes montanhosos, perguntando-me se conseguiria mesmo manter-me afastada do único homem que me partira o coração.

CAPÍTULO DOIS

Quando o táxi parou depois de contornar uma esquina, e estacionou impecavelmente no imenso caminho de acesso da propriedade Lucazzone, pedras de cascalho minúsculas foram esmagadas pelos pneus. Paguei ao motorista e saí do carro, mal prestando atenção enquanto ele ajudava a tirar as malas. Ele afastou-se pelo caminho privado e não asfaltado, que parecia a única maneira de se chegar à mansão Lucazzone — a não ser que quiséssemos fazer uma viagem de barco turbulenta através do lago, situado no outro lado da propriedade. Eram ambas áreas isoladas.

Eu sabia que não devia ficar de boca aberta, e no entanto não o consegui evitar. Do lado da frente, o magnífico edifício que se estendia por três pisos em direção ao céu parecia-se com um palácio veneziano em miniatura, enfiado no meio do campo. A enorme arcada de três entradas com colunas e pombais no telhado fazia lembrar as *villas* tipo fortaleza do início de 1500, mas tinha um toque pessoal: uma beleza que transcendia o tempo e o lugar. Uma certa ternura que me fez sentir imediatamente em casa, e ao mesmo tempo um ligeiro arrepio desceu-me pela espinha, porque percebi que um dia tudo aquilo seria meu.

— É tão belo.

De braços estendidos, resisti à vontade de girar num círculo lento. Em vez disso, inalei o ar perfumado. Não era apenas belo — era assombroso, hipnotizante. Tudo tão silencioso que conseguia ouvir os pássaros a chilrear, e o vento suave a abanar as

folhas. A Sylvie não respondeu. Lancei-lhe um olhar de lado, e vi as suas sobrancelhas franzidas. Não me demorei a pensar naquilo, porque casas antigas e natureza não eram exatamente algo de que a Sylvie gostava. Uma *margarita* e uma discoteca faziam mais o seu género.

— Vamos tocar à campainha — disse, agarrando-lhe o braço e puxando-a pelas escadas acima até à porta da frente.

— O advogado não devia estar à nossa espera? — perguntou a Sylvie.

— Está provavelmente lá dentro, e não ouviu o táxi. É uma casa enorme.

A Sylvie murmurou qualquer coisa, que se assemelhava a um «talvez». Não lhe prestei atenção, enquanto premia a campainha. Um instante depois, a porta abriu-se e a figura alta de Clarkson bloqueou a vista do interior.

— Menina Stewart.

Estendeu-me a mão, e a pele enrugada por baixo dos seus olhos franziu-se, como se estivesse genuinamente satisfeito por me ver. Apertei-lhe rapidamente a mão, depois afastei-me para o lado para o apresentar a Sylvie.

— É a senhora que não queria abrir o envelope — disse o Clarkson, bem-humorado.

— E você é o cavalheiro que não parava de me chatear a esse respeito — replicou a Sylvie.

Ri-me, porque tinham ambos percebido quem o outro era. Eu estava em Itália quando o Clarkson me ligara pela primeira vez, para me informar que eu estava prestes a herdar a propriedade Lucazzone. Como era natural, não revelara essa informação à Sylvie, mas a secretária dele enviara uma carta formal, que a Sylvie tivera demasiado medo de abrir.

— É maravilhoso poder conhecê-la finalmente — disse o Clarkson.

Percebi pela maneira como os seus olhos se demoraram nela, que estava encantado com a Sylvie; absorveu cada pormenor do seu corpo, revestido por roupa de marca. Ele parecia ser um indivíduo agradável — genuíno, de boas maneiras e, a julgar pela falta de

uma aliança ou por uma marca mais clara no dedo, definitivamente solteiro. No entanto, era demasiado velho para ela, pelo menos vinte anos mais velho, e isso deixava-me aliviada, porque eu não queria que a minha melhor amiga andasse com o meu advogado.

— Obrigada por nos convidar — disse-lhe, fazendo com que a sua atenção se desviasse de novo para mim.

Um relampejo de decepção surgiu-lhe nos olhos, e desapareceu com a mesma rapidez.

— Foi o desejo do senhor Lucazzone, conhecer a sua herdeira antes de... — *Morrer*, preenchi mentalmente o espaço em branco. O Clarkson pigarreou. — De qualquer maneira, ele ainda está no hospital, e não pode estar connosco durante um ou dois dias, até lhe fazerem análises. Mas deu-me instruções para vos mostrar os vossos quartos, e tornar a vossa estadia agradável.

O Clarkson ajudou-nos com as malas, enquanto o seguíamos por um corredor e subíamos uma escadaria, passando por várias portas fechadas até àquilo que se parecia com uma enorme sala de estar. Ele tentou manter uma conversa banal, fazendo-nos perguntas a respeito do nosso voo e viagem até ali. Deixei que a Sylvie lhe respondesse, enquanto absorvia a casa.

No exterior, eu descrevera-a como bela, mas a palavra não lhe fazia justiça. Era magnífica e enorme, com soalhos de mármore bege, quadros caros a enfeitar as paredes e uma escadaria enorme que conduzia às balaustradas do segundo e terceiro pisos. Vários vasos com flores, ao estilo mediterrânico, estavam colocados nos cantos, animando a aparência minimalista. Era o meu estilo: sem desordens, tudo arrumado e organizado, da mesma maneira que eu gostava da minha vida.

— Esta é a ala oeste. É toda sua. Verá que todos os quartos têm uma vista espetacular, quer sobre o lago quer sobre as montanhas por trás dele — disse o Clarkson, continuando com a conversa de circunstância. — Vou-vos deixar instalarem-se. Podemos ver os relatórios financeiros nos próximos dias.

— Parece-me perfeito.

Ele assentiu, e os seus olhos voltaram a brilhar. Pensei que muitas pessoas teriam sentido pelo menos uma picada de inveja

pela minha herança inesperada, mas o Clarkson não. Parecia genuinamente satisfeito por mim.

— Absolutamente — disse ele. — Esta tarde, todos os membros do pessoal vão reunir-se para se apresentarem. Eles vêm e vão conforme a necessidade, de modo que possa ter a casa só para si até ao regresso do senhor Lucazzone. Se precisar de alguma coisa, por favor não hesite em ligar-me. Estou hospedado em Bellagio, que fica perto.

— Obrigada por tudo — respondi, com sinceridade.

— O prazer foi todo meu — disse ele, abrindo a primeira porta. — Espero que as senhoras tenham uma estadia agradável.

O seu olhar desviou-se da minha pessoa para a Sylvie e demorou-se nela um pouco mais, enquanto me estendia uma bolsa de cabedal com um aro prateado pendurado, e que presumi serem as chaves da casa. Assenti em forma de agradecimento, e o Clarkson estendeu a mão para apertar a minha. De seguida, desapareceu e a casa ficou em silêncio. Durante alguns segundos, senti-me desorientada — surreal. Estávamos em Itália. Sozinhas. Numa casa enorme, que dentro em breve me pertenceria.

— Ainda tens tempo de fugir — sussurrou a Sylvie.

Sorri devido à sua fraca tentativa de humor, para me descontraír.

— Acho que vou ficar. — Sorri, e aponteí para a porta aberta. — Agora escolhe a cama, antes que eu mude de ideias.

— O que é que achas? — pergunteí à Sylvie, assim que acabamos de desfazer as malas, e aberto as portas da varanda para deixar entrar o ar perfumado dos bosques circundantes.

Estávamos sentadas em espreguiçadeiras caras, absorvendo os raios quentes do Sol enquanto olhávamos para o lago. O Sol batia na água cintilante, e refletia-se num milhão de facetas. Suspirei de prazer, enquanto me descontraía nas almofadas macias, achando que as únicas coisas que me faltavam era um chapéu grande, um sumo de laranja, e uma palhinha com uma sombrinha.

Ela hesitou.

— Gosto disto. Vais ficar bem. Uma casa grande e antiga, muito silêncio e um lago para nadar. Só espero que tenhas Internet,

para nos podermos manter em contacto, quando eu regressar a Nova Iorque.

Tinha os olhos fechados e o seu rosto era uma máscara perfeita de indiferença, mas não me escapou o tom ligeiramente amargo na sua voz. Ela não queria perder a sua melhor amiga, o que era compreensível dado que nos conhecíamos há tanto tempo. Senti-me pouco à vontade ao pensar que não a iria ver todos os dias, mas eu queria dar uma oportunidade àquele novo desenvolvimento na minha vida. Não ia ser para sempre; apenas durante algum tempo — até o episódio Jett se desvanecer, e eu conseguir arranjar um emprego de que gostasse, longe dele e do seu mundo. Como é que eu poderia explicar isso à Sylvie?

— Não é a vida urbana a que estamos habituadas, mas concordo que será uma mudança agradável durante algum tempo. — Ênfase em *algum tempo*. — Podias ficar comigo. Explorar o campo. Fazer todas as coisas que as pessoas fazem. Tens de admitir que é uma oportunidade espantosa.

Ela inclinou a cabeça para um lado.

— Podíamos aprender italiano. Talvez nos inscrevêssemos num curso de culinária. Casarmo-nos. Termos quatro filhos. E falar de fraldas e de irritações de pele, durante o dia inteiro.

Resmunguei, ignorando uma vontade urgente para revirar os olhos. Como era costume, ela estava a ser sarcástica devido à perspectiva de não irmos todas as noites a uma discoteca. Não era uma rapariga do campo. Adorava o fumo dos tubos de escape, a pressão, a constante atividade mental e a falta de sono. Eu? Nem por isso. Se queria que ela ficasse comigo, precisava de uma tática diferente.

— Ouvi dizer que os homens italianos são muito sensuais.

Agora, chamara-lhe a atenção. Os olhos da Sylvie abriram-se de repente, e os seus lábios curvaram-se num sorriso.

— Estás de volta à corrida? Não me importava de ter aqui um desses latinos charmosos, ardentes e delicados, que conseguem incendiar uma sala com um simples abanar das ancas. Imagina a paixão, o drama, a intensidade. — Lançou a cabeça para trás e respirou fundo, abanando-se com as suas mãos bem cuidadas.

Eu sabia que talvez estivesse a soltar a loba da sua jaula, com a minha observação casual; no entanto, e honestamente, não esperara tanto entusiasmo da sua parte. No mundo da Sylvie só existia sucesso, sexo, festas e variedade — e qualquer combinação dos fatores anteriores. Sem dúvida que o lago Como poderia fornecer qualquer uma daquelas coisas, mas estaria eu mesmo ansiosa por isso?

Sentindo a minha hesitação, a Sylvie fez uma careta, interpretando erradamente o meu silêncio.

— Nenhuma discoteca? E quanto a um bar? Nem sequer me importo de andar um bocado ou de uma viagem de carro longa, desde que haja um pouco de música e álcool. — Interrompeu-se.

Mente, Stewart.

Se mentisse e dissesse que não havia bares nem discotecas, dentro de uma semana, a Sylvie deixar-me-ia pendurada. Eu *sabia-o*. Se lhe contasse da vida noturna de Bellagio, duvidava que tivéssemos oportunidade de ver alguma coisa, para além do fundo de um *shot* de tequilha.

— Para chegarmos a uma discoteca, temos de atravessar o lago, subir o monte, e depois apanhar um táxi para a cidade — expliquei, lentamente. Não era o caminho mais curto, mas também não era uma mentira.

A Sylvie levantou-se de um salto e olhou-me com um sorriso convencido, que me disse que eu acabara de perder a batalha.

— Ou podemos ir pelo mesmo caminho que viemos. Não me importo de fazer mais uns quilómetros. — Tirou um cartão do bolso de trás das calças e abanou-o no ar, a centímetros da minha cara.

— Que raio é isso? — Tentei arrancar-lho da mão, mas ela puxou-o e recuou, encostando-o ao peito como se fosse um tesouro.

— O nosso serviço de táxis particular. Achei que não fazia mal nenhum perguntar ao motorista se ele fazia viagens particulares. E ele fá-las. Não é fixe? — Os seus olhos voltaram a brilhar e percebi que, na verdade, perdera a batalha.

— Isso não é muito caro?

Ela encolheu os ombros.

— E?

A rapariga vinha de uma família rica; crescera como parte da classe alta. Claro que não tinha quaisquer objeções em deitar dinheiro pela janela — ao contrário de mim.

— Vamos lá, *chica*. Eu pago. — Revirou os olhos. — Não que tu precises.

Suspirei. Só porque tinha herdado uma propriedade, isso não significava que viesse com uma conta bancária destinada a saídas noturnas.

— Brooke. — Os seus olhos azuis perfuraram os meus, e voltou a fazer beicinho. — Vamos sair. Só esta noite. Tu conheces-me. Eu não posso ser *isto*. — Sorriu afetadamente e apontou à sua volta, para a casa espantosa e a paisagem, como se fossem uma coisa má. — Sinceramente, não me importo com uma viagem de carro longa ou uma conta de táxi grande. Qualquer discoteca pequena é melhor que discoteca nenhuma. Por favor.

De novo, a fazer olhinhos tristes. A minha hesitação vacilou porque, primeiro, eu reconhecia uma causa perdida quando a via. E segundo, pensando bem, um pouco de divertimento não era uma ideia assim tão má. Eu era solteira — encolhi-me interiormente, ao pensar nisso —, e encontrava-me num dos locais de férias mais famosos da Europa. Tinha jurado nunca mais beber álcool, mas pelo menos podia dançar durante toda a noite.

— Voltamos à meia-noite? — perguntei.

— Claro.

Encolheu os ombros e desviou o olhar, o que era um indício mais que certo que me estava a mentir. Naquele momento, percebi que não seria capaz de a afastar das discotecas nem com um pé de cabra, a não ser que os seguranças nos pusessem na rua.

Com uma estranha sensação de terror a acumular-se-me no estômago, observei a Sylvie a tirar o seu telemóvel e a marcar o número do cartão. Um instante depois, tinha combinado uma hora e desligado.

Ainda nem tínhamos tirado tudo das malas, e ela já garantira uma viagem até à discoteca mais próxima. Falassem de prioridades!

Segui-a até dentro de casa. Enquanto ela começava a vasculhar a mala, sentei-me na cama a observar a desarrumação, que estava

prestes a iniciar-se no quarto. Passado pouco tempo, a sua roupa estava toda espalhada pelo chão e em cima da cama. A avaliar pela mala meio feita, ainda havia mais roupa para desarrumar.

Em casa, a Sylvie insistira que levássemos tudo de que pudéssemos precisar, o que no dicionário da Sylvie era o equivalente a enfiar tudo — desde o seu roupeiro a transbordar, até ao conteúdo dos armários da casa de banho — dentro da mala enormíssima, que queria levar. Desnecessário dizer que, no aeroporto, tivéramos de pagar multa por excesso de bagagem. Mas, pelo menos, ela sabia como se vestir. Olhei de boca escancarada para um vestido de marca atrás de outro, alguns mal se parecendo com vestidos. Mais como amostras de tecido, que não deixavam muito espaço à imaginação.

— Tens de ir para a cama com alguém — disse a Sylvie, enquanto pegava em dois vestidos curtos e os comparava. — E pronto. O Jett podia ser bom, mas alguém novo é sempre melhor.

De onde raio é que aquilo tinba surgido?

— Nunca disse que queria ir para a cama com alguém — respondi, entre dentes cerrados.

— Claro que não disseste. — Sorriu afetadamente, e atirou um vestido para o lado, depois pegou noutra. — Mas eu sei que o queres fazer. Ou, pelo menos, é isso que deves fazer, se o queres arrancar do coração de uma vez por todas.

Deixei-me cair contra as almofadas, enquanto olhava para o vestido que ela tinha nas mãos. Ela tinha razão quanto a isso. À sua maneira. Desde que eu regressara da minha viagem com o Jett, que a Sylvie parecia ter recuperado do seu coração partido. Se eu queria avançar, tudo que tinha a fazer era ser como ela. Esquecer o mundo. E limitar-me a divertir-me, mesmo que isso significasse andar com um monte de homens num curto espaço de tempo. Ela não era fácil. Não dormia com a maior parte deles — apenas gostava de mergulhar na sua atenção, e depois mudar para o homem seguinte.

Piscou-me o olho.

— O que fizeres em Itália, fica em Itália. Prometo que os meus lábios estão selados.

Oh, céus.

Atirou-me o primeiro vestido. Apanhei-o no ar.

— Experimenta este.

Ergui o vestido sem alças, e olhei-o desconfiada. O material preto era macio, quase sem peso. Era tão justo e fino, que eu não tinha dúvidas de que as pessoas conseguiriam ver a minha roupa interior — em especial, debaixo das luzes de néon de uma discoteca. Não era definitivamente o tipo de vestido que eu tinha no meu roupeiro.

Em circunstâncias normais, eu teria protestado contra usar algo tão ousado, mas aquele dia era diferente. Eu queria ser outra pessoa, de preferência alguém que não me recordasse a minha velha e aborrecida pessoa.

O que é que queres provar, Stewart?

Ignorando a minha mente racional, despi as calças de ganga e camisa informal. A Sylvie abanou um par de sandálias pretas, de salto alto, em frente da minha cara.

— Acho que não sou capaz de andar com isso — disse-lhe, mas mesmo assim enfiei as sandálias. Os saltos eram tão altos que quase caí para a frente, e tive de me agarrar à cómoda em busca de apoio.

— Não podes dizer que não a uns *Jimmy Choo*. Seria um pecado. Além disso, ficas toda boazona. Se fosse homem, comia-te. — A sua expressão mortalmente séria disse-me que ela não estava a brincar.

Observei-me no espelho grande. Aquele era um vestido que eu nunca usaria em casa, mas não estávamos em casa. Não havia ali ninguém que me conhecesse. Além disso, a Sylvie tinha razão, eu estava toda boazona. O vestido cingia-se ao meu corpo nos sítios certos, fazendo salientar as minhas curvas, das quais sempre me sentira envergonhada até chegar à faculdade, quando percebera que os homens gostavam delas. Os saltos faziam com que as minhas pernas parecessem mais magras, e muitíssimo altas. Talvez não tão altas como as de uma modelo, mas eu via claramente o benefício de as usar.

— Eu disse-te — disse a Sylvie, a sorrir. — Agora, vamos dar cabo desta cidade.

Mordendo o lábio, assenti e desviei os olhos. Como é que lhe podia dizer que Bellagio não era propriamente uma cidade? Talvez mais uma vila. Ainda me restava descobrir o quão pequena era.